

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DE ASSUNÇÃO

CAROLINA CAVERSAN FARIA

MISERICÓRDIA: A ESSÊNCIA DE DEUS
NO ROSTO MISERICORDIOSO DA HUMANIDADE.

SÃO PAULO

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DE ASSUNÇÃO

CAROLINA CAVERSAN FARIA

MISERICÓRDIA: A ESSÊNCIA DE DEUS
NO ROSTO MISERICORDIOSO DA HUMANIDADE.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado á Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teologia sob a orientação da Profª Drª Agnese Costalunga.

SÃO PAULO

2014

Banca Examinadora

Agradecimentos

“Eu quero misericórdia e não sacrifício” Mt 9,13

Louvo a Deus “rico em Misericórdia” (cf. Ef 2,4), pelo dom da vida e da vocação. A meus pais José Carlos Faria e Cleunice Caversan Faria (*in memoriam*) dedico este. Ao Instituto das Missionárias da Imaculada Rainha da Paz, minha família religiosa, que me incentivaram e acompanharam em cada passo desse curso. A professora Agnese Costalunga, orientadora deste trabalho que pacientemente conduziu-me nesta trajetória.

SUMÁRIO

| | |
|--|-------------------------------|
| SIGLAS | Erro! Indicador não definido. |
| INTRODUÇÃO | 7 |
| CAPÍTULO I | |
| A REVELAÇÃO DA MISERICÓRDIA NO ANTIGO TESTAMENTO..... | 9 |
| 1.1 O significado etimológico de “misericórdia” | 9 |
| 1.2 A Libertação do Povo – Livro do Êxodo | 12 |
| 1.3. A Misericórdia nos Salmos | 15 |
| CAPITULO II | |
| A TEOLOGIA DA MISERICÓRDIA NO NOVO TESTAMENTO..... | 19 |
| 2.1 Jesus Cristo a Revelação plena da Misericórdia..... | 19 |
| 2.2 A prática da Misericórdia na Parábola do Bom Samaritano | 20 |
| 2.3 Maria, Mãe da Misericórdia..... | 24 |
| CAPÍTULO III | |
| A PRÁTICA DA MISERICÓRDIA NOS DOCUMENTOS DA IGREJA | 28 |
| 3.1 Carta Encíclica <i>Dives in Misericordia</i> do Papa João Paulo II | 28 |
| 3.2 Carta Encíclica <i>Deus caritas est</i> do Papa Bento XVI | 31 |
| 3.3 Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> | 34 |
| CONCLUSÃO..... | 39 |
| BIBLIOGRAFIA | 41 |

SIGLAS

AG – Decreto *Ad gentes* do Concílio Vaticano II

CIC – Catecismo da Igreja Católica

DM – Encíclica *Dives in misericórdia* do Papa João Paulo II

DCE – Carta Encíclica *Deus caritas est* do Papa Bento XVI

EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco

GS – Constituição Pastoral *Gaudium et spes* do Concílio Vaticano II

LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium* do Concílio Vaticano II

RMa - Encíclica *Redemptoris Mater* do Papa João Paulo II

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem o objetivo de aprofundar a Misericórdia de Deus manifestada plenamente em Jesus Cristo e historicamente vivida por aqueles que seguem o caminho da misericórdia pela ação do Espírito Santo. Afirma o Papa Francisco, que as pessoas precisam de palavras, mas, sobretudo tem a necessidade que testemunhemos a misericórdia, a ternura do Senhor¹.

A misericórdia, em seu significado etimológico, é compreendida pelo sentimento de compaixão ou de benevolência suscitado pela miséria ou desgraça alheia. A Sagrada Escritura mostra a Revelação como iniciativa divina proveniente da infinita misericórdia de Deus. Esta, portanto, não pode ser vista a partir dos sentimentos, mas a partir da sua fidelidade à Aliança de Deus. A força que impulsiona a misericórdia é o amor de Deus, na forma que Ele estabeleceu com seu povo, por meio da qual foi se revelando na História.

No primeiro capítulo encontra-se um estudo do termo misericórdia, sua etimologia e sua compreensão no Antigo Testamento. No livro do Êxodo é aprofundada a presença amorosa e misericordiosa de um Deus que chama, conduz, acompanha e guia o povo por Ele escolhido. No livro dos Salmos a misericórdia de Deus é apresentada por pessoas frágeis, perseguidos, amedrontados, e que rezam, confiantes em um Deus que se aproxima delas, curiosas em entender seus mistérios, ansiosas em lhe prestar louvor. Nos salmos, as pessoas falam de si mesmas e de como percebem o agir de Deus em suas vidas, em primeira pessoa, como indivíduos ou como comunidade de fé, mas sempre sem medo de revelar seus temores mais profundos encontrando e revelando, nos mesmos salmos, respostas que os impulsionam a superar estes medos e dificuldades.

No segundo capítulo, aprofundamos a misericórdia de Deus no Novo Testamento tendo Jesus Cristo como o Revelador pleno da Misericórdia por meio de sua encarnação, morte e ressurreição.

Jesus Cristo, o filho de Deus, não revela somente a si mesmo, mas revela Deus Trindade e sua infinita misericórdia. A partir, por exemplo, de suas parábolas, como a do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37), percebemos a riqueza da misericórdia de Deus que

¹ Cf. PAPA FRANCISCO. *Alegrai-vos*: Carta Circular aos Consagrados e às Consagradas do Magistério do Papa Francisco. CNBB, 2014, p. 32.

se manifestou através de Jesus Cristo que se encarnou e “veio armar tenda entre nós” (Lc 1, 14).

Não poderíamos deixar de mencionar Maria, como Mãe e discípula da Misericórdia de Deus. Ela, que de modo particular, viveu esta misericórdia na anunciação, maternidade e seguimento do seu Filho até a sua morte, ressurreição e a vinda do Espírito Santo.

No terceiro capítulo, aprofundamos a prática da misericórdia nos seguintes documentos: Carta Encíclica *Dives in Misericordia* do Papa João Paulo II; Carta Encíclica *Deus Caritas est* do Papa Bento XVI; Exortação Apóstolica *Evangelii Gaudium* do Papa Francesco. É nítido em todos estes documentos, escrito por três Papas diferentes em contextos diferentes, que misericórdia é a essência de Deus.

Desta forma, podemos concluir que a misericórdia é a essência de Deus. Praticá-la significa seguir o exemplo de Deus que na história de nossa salvação sempre se mostrou um Deus amoroso, “misericordioso e compassivo” (Tg 5,11). E, principalmente, mostrou sua face misericordiosa na oferta de seu Filho, Jesus, rosto humano da misericórdia.

CAPÍTULO I

A REVELAÇÃO DA MISERICÓRDIA NO ANTIGO TESTAMENTO

1.1 O significado etimológico de “misericórdia”

Para que o tema desse estudo seja desenvolvido de forma científica, é necessária uma análise da palavra-chave em questão. Segundo Cerbelaud², o termo é derivado do latim “misericórdia” e sua etimologia se aplica a sentimentos humanos: um homem misericordioso é aquele cujo coração reage diante da miséria do outro, por isso “*misericors*”³. No entanto, a Escritura aplica, por antropomorfismo, a Deus “Misericórdia”, segundo o mesmo autor, repousa em três raízes hebraicas: *râham*, *hânan* e *hâsad*.

O verbo *hânan*, - inclinar-se, e o seu substantivo *hen*, - inclinação, indicam a atitude de alguém que se inclina para ver melhor, para cuidar. Assim como a mãe se inclina sobre o seu filho para alimentá-lo, Deus se inclina sobre o ser humano para cuidá-lo. Deus se inclina para criá-lo, se inclina, no jardim do Éden, para falar com Adão, se inclina para fazer aliança com Noé, para caminhar com o povo no deserto. Assim, o simples gesto humano de inclinar-se, aplicado a Deus, significa o olhar de simpatia e benignidade, de fazer favor, de expressar beleza e encanto.

Por outro lado, o vocábulo *hâsad*, *hesed*, ou *khesed*, indicam:

“literalmente, a atitude conforme a aliança, ou seja, a solidariedade à qual estão obrigadas as partes que estipularam um pacto [...]. Dessa forma, tanto em uma relação entre duas partes iguais, quanto em uma relação na qual é uma das partes, superior em potência e em força, a fundamentar a aliança com a parte inferior, a solidariedade pode assumir a forma do socorro para a parte em dificuldade, então o conceito [grego] de éleos (*khesed*) pode estender-se do significado de fidelidade à aliança àquele de bondade, graça, misericórdia, esta última sobretudo em combinação com o grego *oiktirmós*⁴ que traduz *rahamim*”.⁵

O verbo *rahamim* exprime o apego instintivo de um ser a outro. Este sentimento, segundo os semitas, tem sua sede no seio materno (*réhem*: Cf. 1Rs 3,26), nas entranhas

² CERBELAUD D., misericórdia. In: LACOSTE J. Y. (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. Trad. Paulo Menezes. (et al) São Paulo: Loyola, 2004.

³ Ib.

⁴ Atitude de compaixão diante das desventuras do próximo, daí atitudes como *oiktírmon*, ter misericórdia, que se move de compaixão. (cf. ESSER H.-H., misericórdia. In: LOTHAR COENEN, ERICH BEYREUTHER, HANS BIETENHARD (a cura di), *Dizionario dei Concetti Biblici del Nuovo Testamento*, Bologna:EDB, 1980. (nossa tradução).

⁵ ESSER H.-H., misericórdia. In: LOTHAR COENEN, ERICH BEYREUTHER, HANS BIETENHARD (a cura di), *Dizionario dei Concetti Biblici del Nuovo Testamento*, Bologna:EDB, 1980. (nossa tradução).

(*rahamîm*) – nós diríamos: no coração – de um pai cf. Jr 31,20; Sl 103,13, ou de um irmão cf. Gn 43,30: é a ternura; traduz-se imediatamente em atos: em compaixão numa situação trágica cf. Sl 106,45, ou em perdão das ofensas Dn cf. 9,9. Já o termo *hésed* (em hebraico) e *éleos* (em grego), significa as boas relações entre as pessoas, quais sejam – graça ou agraciamento (de um superior para com um súdito), amor, fidelidade e também misericórdia, quando o outro necessita de ajuda. Abrange além do “querer bem” a sua manifestação no “fazer bem”.

Portanto:

“hésed, éleos designa de per si a piedade, relação que une dois seres e implica fidelidade. Com isso a misericórdia recebe uma base sólida; não é mais simplesmente o eco de um instinto de bondade, que pode enganar-se quanta ao seu objetivo à sua natureza, mas uma bondade consciente, intencional; é até resposta a um dever interior, fidelidade a si próprio”.⁶

As traduções vernáculas das palavras hebraica e grega se alteram entre misericórdia ao amor, passando pela ternura, a piedade, a compaixão a clemência, a bondade e até mesmo a graça que, no entanto tem uma acepção bem mais ampla. Apesar dessa variedade, não é impossível captar a maneira bíblica de entender a misericórdia. Do princípio ao fim, Deus manifesta a sua ternura por ocasião da miséria humana; por sua vez, o homem deve mostrar-se misericordioso para com o seu próximo, à imitação de seu Criador.⁷ Assim é a misericórdia, é algo que brota das profundezas do coração. Deste modo pode-se dizer que Deus salva somente porque ouve o clamor do povo sofredor.

A misericórdia que perpassa no Antigo Testamento e que os LXX traduzem *hesed* quase constantemente por *éleos*, explica-se pelo fato de que o termo, as maioria das vezes, é usado para indicar a conduta de Deus para com o homem necessitado, principalmente nos Salmos (90 vezes)⁸. De fato, ouvimos frequentemente nos Salmos o clamor da oração pela misericórdia de Deus, pela sua ajuda prometida e esperada, sobretudo da parte dos fiéis que se sentem mal compreendidos e escarnecidos: “Volta-se, Iahweh! Liberta-me! Salva-me, por teu amor!” Sl 6,5; Cf Sl 31,10; 86,3; 109. Também dos que lutam na guerra “que do céu ele mande salvar-me, confundindo os que me atormentam! Que Deus envie o seu amor e sua verdade!” Sl 57,4; Cf Sl 56,1 ;

⁶ LÉON-DUFOUR, Xavier., *misericórdia. Vocabulário de Teologia Bíblica*. Trad. Frei Simão Voigt, O.F.M. São Paulo: Vozes, 1972.

⁷ *Ib.* p. 594

⁸ Cf. DEN BORN, A. Van., *misericórdia. Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Trad. Frei Frederico Vier, O.F.M. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 994.

59,11.18, ou navegam no mar Sl 107,23. Também os pecadores, sofrendo os castigos da ira de Deus, esperam e imploram misericórdia em virtude da aliança de Iahweh “Iahweh passou diante dele, e ele exclamou: ‘Iahweh! Iahweh Deus de compaixão e de piedade, lento para a cólera e cheio de amor e fidelidade” Ex 34,6; cf. Num 14,9; Jer 3,12; Sl 25, 7,10; 51,3; 78,38.

A primeira reação de Iahweh ao pecado é a ira; fala-se num castigo até a terceira e quarta geração (Ex 34,6); no mesmo texto, porém afirma-se que a sua misericórdia permanece até a milésima geração. O autor de Juízes escreve evidentemente, segundo o esquema: infidelidade de Israel; ira de Iahweh; o povo clama por ajuda; Jáve manda salvação cf. cap. 2s. Em Oseias o quadro é mais antropomórfico ainda: Iahweh resolve privar Israel de sua misericórdia: “Ela concebeu e deu à luz uma filha. Iahweh lhe disse: ‘Dá-lhe o nome de Lo - Ruhamah, porque doravante não mais terei piedade da casa de Israel, para ainda lhe perdoar” Os 1,6. Seu coração, porém, O faz voltar atrás: “ Como poderei eu abandonar-te, ò Efraim, entregar-te, ò Israel? [...] Não executarei o ardor de minha ira, não tornarei a destruir Efraim, porque eu sou um Deus e não um homem, eu sou santo no meio de ti, não retornarei com furor” (Os 11,8s). Um dia a esposa infiel será chamada *ruhãmāh*, ou seja, aquela que experimentou misericórdia (cf. Os 2,3). Só àquele que não quer mais converter-se a Iahweh, Ele não fará misericórdia: “porque eu irei retirar a minha paz deste povo – oráculo de Iahweh -o amor e a compaixão” Jr 16,5; Cf Is 9,16; Eclo 16,10; 18,14. Em virtude da aliança, o salmista ousa cantar, com frequência, que a misericórdia de Deus é eterna: “Recorda a tua compaixão, ó Iahweh, e o teu amor, que existem desde sempre” Sl 25, 6; Cf Sl 136.

Assim a misericórdia de Deus, tanto *hesed* como *rahāmim*⁹, tornou-se também um conceito escatológico: “Com efeito, Iahweh mostrará compaixão para com Jacó; Ele voltará a escolher Israel. Estabelecê-los-á em seu território” Is 14,1; Cf. Is 49, 13; 54,8; Jer 12,15; 33,26; Miq 7,20; Sl 90,14.

Do mesmo modo como no AT o *hesed* de Iahweh para com o homem não significa exclusivamente misericórdia (embora nos Salmos de modo preponderante), mas também os seus muitos favores na natureza e na história, assim também o *hesed* de homem para homem não se limita à misericórdia, embora nos salmos de modo preponderante, mas também os seus muitos favores na natureza e na história, assim

⁹ Cf. DEN BORN, A. Van. *misericórdia*. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Op.cit.p. 994.

também o *hesed* de homem para homem não se limita à misericórdia. Indica, sobretudo a bondade efetiva entre parentes, para com o pai Cf. Gn 47,29; o mestre Cf. Gn 24,49; o hóspede Cf. Gn 20,23; o rei Cf. 2Cron 24,22; do rei para com o povo Cf. Prov 20,28.

No sentido estrito de misericórdia de homem para homem *hesed* e *rahāmim* encontram-se citações no Antigo Testamento em: cf. Sl 109,16; 1Rs 20,31; Prov 11,17. E, sentido amplo encontramos no livro do Eclesiástico 28,4 a seguinte afirmação: “Para com o seu semelhante não tem misericórdia, e pede o perdão de seus pecados?” Uma das faltas dos pecadores é que não tem misericórdia para com os semelhantes e por isso não podem esperar perdão da parte de Deus. A misericórdia de Deus, no entanto, é mais universal do que a dos homens.

1.2 A Libertação do Povo – Livro do Êxodo

O Livro do Êxodo¹⁰ é o segundo livro do Pentateuco e significa literalmente “saindo (do Egito)” ação de sair, partida, é simplesmente proveniente das primeiras palavras do livro, a maneira antiga de nomear os rolos. Êxodo deve ser visto como parte do Pentateuco, uma vez que a libertação do Egito, o estabelecimento da lei e a moradia (Tabernáculo) ao pé do Monte Sinai (os conteúdos do Êxodo), são somente parte da história que se inicia com a criação do mundo em Gênesis e se encerra com o Deuterônomo com Moisés discursando a Israel quanto à conquista de Canaã.

Neste capítulo pretende-se mostrar a presença amorosa e misericordiosa de um Deus que chama, conduz, acompanha e guia o povo por Ele escolhido. Não nos deteremos em analisar os relatos da Criação, no Gênesis, nem a formação do povo de Israel.

Sinal de amor divino, o livro do Êxodo marca o verdadeiro nascimento do povo de Deus efetuado no sangue (Ez 16, 4-7). Foi então que Deus gerou Israel e foi até mais que Abraão, tornou-se para ele um pai cheio de amor e de solicitude: “E no entanto, Iahweh, tu és nosso pai, nós somos a argila e tu és nosso oleiro, todo nós somos obras das tuas mãos” Is 64,7.

Assim, o livro do Êxodo relata o penhor de salvação, ou seja, Iahweh revela-se a si mesmo, e do céu estende o ouvido para escutar o lamento de um povo de escravos.

¹⁰ Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento/ Trad. Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Ed.Academia Cristã Ltda; Paulus, 2007.

Mostra a sua face, como a de alguém capaz de escutar e de compadecer. Por isso, ele é Deus.¹¹ “Se clamar a mim, eu o ouvirei, porque sou compassivo” (Ex 22,26).

A Sagrada Escritura nos mostra que Deus, em sua infinita misericórdia, vê a opressão do seu povo, ouve suas queixas e desce para libertá-lo (cf. Ex 3,7). O redator sacerdotal irá explicar a decisão de Deus pela sua fidelidade à Aliança “eu ouvi o gemido dos filhos de Israel, aos quais os egípcios escravizavam, e me lembrei da minha aliança” Ex 6,5. Em sua misericórdia, Deus não pode suportar a miséria do seu povo eleito; é como se, fazendo aliança com ele, tivesse feito dele um ser “da sua raça” At 17,28-29: um instinto de ternura o une a ele para sempre.¹²

“Ele deu a terra deles como herança,
Porque o seu amor é para sempre!
Como herança aos seus servo, Israel
Porque o seu amor é para sempre!” Sl 136, 21-22

Deus começa a intervir em favor da vida e da libertação dos oprimidos. De fato, já no início do livro do Êxodo, aparecem relatos desse processo libertador, em alguns episódios anteriores à saída da escravidão do Egito, como por exemplo, o das parteiras (cf. Ex 1,15-12), que não seguiram as ordens do Faraó em seu plano genocida, pois eram *tementes* a Deus; a seguir, após ver seu plano falido, o Faraó ordena que sejam atirados ao rio os meninos varões dos hebreus (cf. Ex 2,1-10). Neste relato, entra em cena a história de Moisés, o menino que foi salvo das águas pela filha do Faraó, e neste contexto, outras mulheres cooperam para a salvação da vida do menino. A compaixão dessas mulheres, as parteiras, a mãe e irmã do menino salvo pelas águas e a filha do Faraó, é certamente inspirado por Deus, a favor da vida, e cooperam para o seu plano libertador.

A situação de pobreza, fraqueza, miséria e opressão leva o povo a gritar a Deus, clamando a sua intervenção: “Os filhos de Israel, gemendo sob o peso da servidão clamaram; e do fundo da servidão o seu clamor subiu até Deus. E Deus ouviu os seus gemidos; Deus lembrou-se da sua Aliança com Abraão, Isaac e Jacó. Deus viu os israelitas, e Deus se fez conhecer ...” Ex 2,23-24.

¹¹ Rosanna Virigili ...[et al.] *Misericórdia: face de Deus e da nova humanidade* ; Tradução Silva Debetto Cabral Reis. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 15.

¹² RAVASI, G., *Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 27.

Ravasi observa que a tradição sacerdotal descreve esse clamor do povo com a invocação do nome *Elohim* repetido cinco vezes e no centro do trecho ressoa um termo técnico (*sa'aq*), que é o lamento dirigido ao juiz. Isso revela de modo, claro, o acúmulo de verbos, demonstrando as diversas ações de Deus em favor de seu povo.¹³ É, logo, um grito do pobre injustiçado que clama a Deus, o juiz supremo, que “vê” o sofrimento, “escuta” o povo, entende o caso e não demora a intervir¹⁴. Outro texto, de tradição javista, apresenta o diálogo de Deus com Moisés durante a teofania da sarça ardente: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvei o seu clamor por causa dos opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-los subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel” Ex 3, 7-8a.

Aqui aparece o verbo descer inclinar-se = *hânam*, fato único na história antiga, o Deus sensível que sente compaixão pelo seu povo sofrido. Comenta Ravasi que é Deus mesmo que se sensibiliza e apresenta a mesma situação de sofrimento do povo:

“No fundo teofânico da sarça ardente, o verdadeiro protagonista não é Moisés. É Deus que faz relampejar sua face diante dos olhos do seu profeta. Até então Deus havia se apresentado como uma divindade do clã: “Eu sou o Deus de teu pai, de Abraão, de Isaac, e de Jacó (3,6). Era, por excelência, o “Deus dos pais” (3,13.15.16), agora está para revelar-se o “Deus dos hebreus” (3,18) Um Deus que é sempre pessoa, jamais obscura entidade protetora: note-se no Ex 3,7-8 a sequência dos verbos de ação na primeira pessoa “observei, ouvi, conheço, vim...”. O Deus dos pais que revela-se agora como o Deus de Israel todo e a revelação ainda uma vez acontecerá, não só através da palavra, mas sobretudo na História. Aparecem aqui (3,8.10) os vocábulos fundamentais da libertação exódica: libertar, fazer sair, terra paradisíaca (“onde corre leite e mel”).¹⁵

O objetivo da teofania na sarça ardente é exatamente a preocupação de Deus para com o seu povo escolhido, e daí a vocação de Moisés como embaixador e intermediário da libertação. O clamor “que subiu até Deus” encontra resposta e Deus assume o problema como seu e ouve o lamento com piedade e compaixão.

¹³ Cf. SILVA, Vlamor da. *Deus ouve o clamor do povo: Teologia do Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 40.

¹⁴ Cf. RAVASI, G. Op. cit. p. 40

¹⁵ RAVASI, G. Op. cit. p. 40.

Um texto de tradição Eloísta nos fala que: “e agora o grito dos israelitas chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os israelitas” Ex 3, 9-10.

Teríamos aí o resultado da tradição Eloísta. Sua insistência está na missão dada a Moisés de tirar do Egito o povo de Deus, chamado “meu povo”. Constata-se ainda uma relação evidente entre o texto e as narrativas de vocação profética.¹⁶

O Êxodo relata inúmeros acontecimentos que colocam em evidência a predileção de Deus pelo seu povo. Seguindo toda a história de Israel, dentro desta perspectiva, com esta chave de leitura, podemos perceber a insistência de Deus que deseja estar próximo, libertar, acolher, salvar, e tudo isso com entranhas de misericórdia. “Iahweh! Iahweh ... Deus de compaixão e de piedade, lento para a cólera e cheio de amor e fidelidade; que guarda , o seu amor a milhares, tolera a falta, a transgressão e o pecado” Ex 34, 6-7.

1.3. A Misericórdia nos Salmos

Poesia em forma de oração, os Salmos estão entre os textos mais lidos da Bíblia em todos os tempos. Cristãos primitivos viram neles uma indicação de Jesus, o Messias. Orantes de todos os séculos repetiram as palavras alegres ou tristes, reconfortantes ou atribuladas dos salmistas, muitas vezes, anônimos e perdidos no tempo.

O livro dos Salmos em hebraico se chama “livro dos louvores” (*tehillim*, da raiz *hll* “louvar”). O termo salmo vem da tradução grega da Bíblia, denominada *Septuaginta*. Também de origem hebraica essa palavra tem o sentido *de* cântico acompanhado de instrumentos musicais¹⁷ *mizmor*. É um livro, que em sua forma poética, narra à caminhada de fé e de vida do povo de Israel, sempre com um caráter comunitário produto de um povo, mais do que um indivíduo. Assim os salmos puderam ser sempre criados e relidos ao longo da história, sem nunca perderem seu brilho particular e inigualável.

¹⁶ SILVA, Vlamor da. Op. cit. p. 41.

¹⁷ SHILLING, Otimar. “*Os salmos, louvor de Israel a Deus*”, introdução teológica e crítica aos problemas do antigo testamento. São Paulo. Paulinas, 1978. p.382.

É comovente ler os salmos, pois ali não estão representados os grandes heróis do Antigo Testamento, nem os profetas repletos de autoridade e intimidade com Deus, nem mesmo os patriarcas de grande memória em Israel. Ali aparecem pessoas que oram, pequenos, frágeis, perseguidos, amedrontados, confiantes em um Deus que se aproxima deles, curiosos em entender seus mistérios, ansiosos em Lhe prestar louvor. Nos salmos as pessoas falam de si mesmas e de como percebem o agir de Deus em suas vidas, em primeira pessoa, como indivíduos ou como comunidade de fé, mas sempre sem medo de revelar seus temores mais profundos. Assim nota Zenger, citando G. Von Rad:

“Numa formulação que se tornou clássica, Gerard Von Rad caracterizou os salmos como “resposta de Israel”. Pois Javé não escolheu Israel para que fosse um objeto mudo de sua vontade histórica, e sim para o diálogo. Os salmos são anotação desse diálogo no qual Israel e cada israelita, pelo confronto com Deus, encontraram o nós e o eu. Os salmos perfazem a resposta de Israel à experiência da aproximação e ao sofrimento da ocultação do seu Deus. A resposta nos revela “como Israel aceitou e compreendeu essa existência na presença direta e proximidade perante Javé; quais as providências que esse povo tomou para se justificar ou se envergonhar perante Javé nessa proximidade. A resposta, no entanto, também nos mostra como nesse relacionamento com Javé Israel se descobriu a si próprio e que imagem fazia de si quando se postava diante de Javé para falar com Ele” (G. Von Rad).¹⁸

É por isso que os salmos são espelhos das alma das pessoas. Espelhos que, mesmo com o passar dos anos, não deixam de refletir o interior de um ser humano eternamente em busca de si mesmo, em busca de Deus, ou seja, do “Pai das Misericórdias” Ef 2,4. “Tu Senhor, Deus de piedade e compaixão, lento para a cólera, cheio de amor e fidelidade” Sl 86,15.

Aquele que reza, confia-se totalmente a Ele, e sua confiança deriva da experiência de uma Presença viva e sedimentada na história de todo o povo. No Salmo 103, a misericórdia de Deus descreve sua presença na historia de Israel, manifestada como graça e justiça.¹⁹ “Mas o amor de Iahweh! ... existe desde sempre, e para sempre existirá, sua justiça e para os filhos dos filhos” Sl 103, 17-18.

Assim o orante lança-se nos arcanos de Deus e descobre como a misericórdia é sua eterna atitude. Celebra toda a história de Israel como sacramento da sua misericórdia. Deus é chamado com todas as invocações do Êxodo: o que perdoa o

¹⁸ ZENGER, E., *O livro dos Salmos. Cap. III*. In: AA.VV, *Introdução ao Antigo Testamento*. Loyola, São Paulo, 2003, p. 319.

¹⁹ Rosanna Virigili ...[et al.] *Misericórdia: face de Deus e da nova humanidade* ; Tradução Silva Debetto Cabral Reis. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 32.

médico, o que resgata, o que coroa, o que sacia.²⁰ O orante renova esse sacramento em sua vida atual. Para ele, pecador, hoje o Senhor será perdão; para ele, enfermo, o Senhor será médico; para ele, oprimido, o Senhor será redentor. Ele resgatará a sua vida.²¹

O Salmo 103 é um salmo de uma ação de graças, em que é fácil apreciar quão próximo estão hino e ação de graças. O verbo *brk*, quando corresponde a benefício recebido, significa agradecer, dar graças. O salmo concentra-se neste verbo repetindo-o duas vezes no começo e no final, com grande ênfase e sem dar lugar a sinônimo²². “Bendize a Iahweh, ó minha alma, e tudo o que há em mim ao seu nome santo! Bendize a Iahweh, ó minha alma e não esqueças nenhum dos seus benefícios” Sl 103, 1-2.

O tema dominante neste salmo é a misericórdia entranhável, generosa e duradoura de Deus.

O Salmo começa com assunto e experiência pessoal. No v. 10 entra em cena o plural: “nós, nossos”. Os versículos 6-9 e 17-18 remontam à recordação histórica de Moisés e da aliança; logo “nós” são os judeus, que de novo experimentam a misericórdia do Senhor. Os versículos 14-16 remontam, porém, à criação do homem cf. Gn 3, falando do “homem” com alcance universal.

“porque ele conhece nossa estrutura,
ele se lembra do pó que somos nós.
O homem! ... seus dias são como a relva:
ele floresce como a flor do campo;
roça-lhe um vento e já desaparece,
e ninguém mais reconhece o seu lugar.” Sl 103, 14-16

O único nome pessoal do texto que é mencionado é o de Moisés: “Revelou seus caminhos a Moisés e suas façanhas aos israelitas” Sl 103,7; em paralelo ajuntam-se os “israelitas” como grupo. Esse nome é índice que orienta para tradições ligadas à personagem. No presente salmo, o nome de Moisés orienta-nos para o texto fundacional (na estrutura atual do Pentateuco). O que Moisés escutou dos lábios do próprio Iahweh, experimentou-o hoje um israelita: enche-lhe a alma e a transborda. Já não por assentimento intelectual e de oitiva, mas por experiência pessoal, sente-se de acordo

²⁰ Cf. Schokel, L. Alonso & Carniti, C. I Salmi. Roma, Borla, 1993.v. II, p. 410-412.

²¹ Cf. Rosanna Virigili ...[et al.]. *Op.cit.* p 33.

²² Cf. Schokel, L. Alonso & Carniti, C. *Salmos II 73-150*. Tradução, introdução e comentário João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 102.

com Moisés: “Conforme ouvimos, assim vimos também” Sl 48, 9; “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora meus olhos te veem” Jó 42, 5.²³

²³ Cf. Schokel, L. Alonso & Carniti. Op.cit. p. 102.

CAPITULO II

A TEOLOGIA DA MISERICÓRDIA NO NOVO TESTAMENTO

2.1 Jesus Cristo a Revelação plena da Misericórdia: Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição.

Nas primeiras linhas da Carta Encíclica *Dives in Misericordia*, o Papa João Paulo II nos fala que:

“Deus Rico em Misericórdia (Ef 2,3) é Aquele que Jesus Cristo nos revelou como Pai e que Ele, seu próprio Filho, nos manifestou e deu a conhecer em Si mesmo. Convém recordar, a este propósito, o momento em que Filipe, um dos doze Apóstolos, dirigindo-se a Cristo lhe disse: “Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta”. Jesus respondeu-lhe deste modo: “Há tanto tempo que estou convosco e não me conheceis...? Quem me vê, vê o Pai”. Estas palavras foram proferidas no último discurso com que Cristo se despediu dos seus no princípio da Ceia Pascal”²⁴

Nessa afirmação, do Papa João Paulo II, percebemos claramente que Deus se manifesta em Jesus Cristo Ele é a Revelação do Deus Pai, o “Deus rico em misericórdia” (Ef 2,3).

A Constituição dogmática *Dei Verbum* nos revela também que:

“Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus nestes nossos dias, que são os últimos, através de Seu Filho (Heb. 1, 1-2). Com efeito, enviou o Seu Filho, isto é, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para habitar entre os homens e manifestar-lhes a vida íntima de Deus (cfr. Jo. 1, 1-18). Jesus Cristo, Verbo feito carne, enviado «como homem para os homens» (3), «fala, portanto, as palavras de Deus» (Jo. 3,34) e consuma a obra de salvação que o Pai lhe mandou realizar (cfr. Jo. 5,36; 17,4)”²⁵

É possível perceber que a missão específica de Cristo torna-se evidente pelo seu caráter revelador, como continuidade e ápice da Revelação, em toda a História da Salvação.

O Papa Bento XVI, em sua obra intitulada *Jesus de Nazaré*, salienta que a Missão de Jesus em revelar o Pai, o fim último da sua Encarnação, Morte e Ressurreição, é fruto, por assim dizer, da sua íntima comunhão com o Pai.

Referindo-se ao contexto histórico sobre Jesus e sua missão, o Papa nos diz:

²⁴ DM 1.

²⁵ DV 4.

“ Ele (Jesus) vive diante do rosto de Deus, não apenas como amigo, mas como Filho; Ele vive na mais íntima unidade com o Pai. A partir deste ponto, podemos então compreender realmente a figura de Jesus, tal como a encontramos no Novo Testamento, tudo o que nos é contado em palavras, ações, sofrimentos, na glória; tudo isto está ancorado aqui. Se omitirmos este autêntico centro, passamos ao lado da figura autêntica de Jesus; ela então se torna contraditória e, em última análise, incompreensível. [...] A doutrina de Jesus não vem da aprendizagem humana, seja ela de que espécie for. Ela vem do contato imediato com o Pai, do diálogo “face a face”, da visão daquele que repousa no seio do Pai. [...] Jesus só pode falar com o Pai, como Ele o faz, porque é Filho e está na comunhão filial com o Pai”²⁶

Dessa forma, não somente se manifesta a intervenção de Deus na história humana, mas propõe um significado único ao projeto salvífico do Pai, objeto da sua benevolência e misericórdia para com a humanidade. Sendo assim, declara a Constituição Dogmática *Dei Verbum* que Cristo é o cume e a plenitude da revelação de Deus: “a verdade profunda, tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, se manifesta a nós por esta revelação em Cristo que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação”²⁷.

Pela sua pregação e pela sua Morte e Ressurreição, Jesus é não só o revelador, mas também a revelação de Deus. Por meio de Jesus é-nos mostrado quem é o Pai. Como revelação de Deus, Jesus é não só o acesso de Deus à humanidade, mas também nosso caminho para Deus. Jesus é o maior sinal da salvação de Deus no mundo – o centro e o instrumento do encontro de Deus. A graça que Ele comunica a nós é Ele próprio. E através desta comunicação dele recebemos a autocomunicação total de Deus. Jesus é a presença salvífica de Deus no mundo.

2.2 A prática da Misericórdia na Parábola do Bom Samaritano

A riqueza da misericórdia de Deus se manifestou através de Jesus Cristo que se encarnou e “veio armar tenda entre nós” (Lc 1, 14). Assim em toda a vida de Cristo, a misericórdia foi o estilo próprio de seu falar e de seu agir.

Mas para a compreensão desta é necessário primeiro sabermos o que significa o termo Parábola. A palavra Parábola²⁸ significa de modo geral comparação. Encontra-se 50 vezes no Novo Testamento, referindo-se sempre às passagens de Jesus ou ao seu método de ensinar nos Evangelhos sinóticos. É um meio catequético e estilístico

²⁶ BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*. I parte: do batismo no Jordão à transfiguração. Trad. José Jacinto Ferreira de Farias. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2007, p. 25.

²⁷ DV 2.

²⁸ DEN BORN, A. Van., *parábola. Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Trad. Frei Frederico Vier, O.F.M. Petrópolis: Vozes, 1971

perfeitamente adaptado à mentalidade do povo judaico. Além disso, a parábola era no tempo de Jesus um método muito comum de instruir, como podemos deduzir dos escritos rabínicos. A finalidade de Jesus era, certamente, ensinar ao povo a realidade de modo concreto e compreensível até para os mais simples, aquela realidade eminentemente sobrenatural, que era o Reino de Deus por Ele pregado.

O relato de Jesus sobre o Bom Samaritano capta imediatamente a atenção de todos. Ao ouvir falar de um homem assaltado e deixado semimorto na valeta do caminho, no coração dos ouvintes desperta a simpatia e a piedade. É uma vítima abandonada num caminho solitário, que precisa de ajuda urgente. Poderia ser um deles. Como não sentir compaixão por ele?²⁹: “Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se deixando-o semimorto” (Lc 10, 30-31)

Felizmente aparecem pelo caminho dois viajantes: primeiro um sacerdote e depois um levita. Os sacerdotes são os ministros do culto, guardiões das tradições sagradas, porta-vozes da divindade em sua qualidade de adivinhos. O sacerdote exerce sempre dois ministérios fundamentais, que são duas formas de mediação: o serviço do culto e o serviço da Palavra³⁰.

Os levitas, como os Sacerdotes, exerciam também funções sacerdotais. Todos os levitas seriam descendentes de Levi, terceiro filho de Jacó (cf. Gn 29, 34). É nessa qualidade que são apresentados pela chamada Bênção de Moises. A tribo de Levi foi destinada à função sacerdotal (cf. Dt 10,8-9).³¹ Em algumas passagens do Antigo Testamento é difícil perceber a diferença entre sacerdotes e levitas (cf. Dt 17,9; Dt 31,9). Entretanto em passagens mais recentes encontramos o termo levita empregado no sentido restrito de sacerdote auxiliar ou de auxiliar de sacerdote (cf. Nm 3, 5-9; 1Cr 9, 28-32).

“Casualmente, descia por esse caminho, um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu.” (Lc 10, 31). Ambos vêm do templo. Realizaram seu serviço ao longo da semana e, já cumpridas suas

²⁹ PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*; Tradução Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2010, p.173.

³⁰ LÉON-DUFOUR, Xavier., *sacerdote. Vocabulário de Teologia Bíblica*. Trad. Frei Simão Voigt, O.F.M. São Paulo: Vozes, 1972.

³¹ DEN BORN, A. Van., *levitas. Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Trad. Frei Frederico Vier, O.F.M. Petrópolis: Vozes, 1971

obrigações no templo, retornam para sua casa em Jericó. O ferido os vê chegar cheio de esperança: são de seu próprio povo: representam o templo, sem dúvida, terão compaixão dele. Mas não é assim. Ao chegar ao ponto onde ele está, os dois têm a mesma reação: veem-no e “dão uma volta”. Não se aproximam, passam ao largo. Por quê? Têm medo dos salteadores? Não querem incorrer em estado de impureza tocando um desconhecido ensanguentado e semimorto? Os ouvintes não podem senão sentir-se escandalizados com sua falta de compaixão. Como não ajudam um homem abandonado a uma morte quase certa?³²

“Certo Samaritano, em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois, colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados” (Lc 10, 33-34). No horizonte aparece um terceiro viajante. Não é um sacerdote nem levita; não vem do templo; nem sequer pertence ao povo eleito de Israel. É um odiado samaritano.³³

Assim comenta Joachim Jeremias:

“De acordo com a divisão em três pontos da narrativa popular, os ouvintes esperariam agora um terceiro e (depois dum sacerdote e um levita), um leigo israelita; supõem, portanto, que a parábola terá um clímax anticlerical. É-lhes totalmente inesperado e os melindra o fato de o terceiro, o que cumpre o mandamento do amor, ser um samaritano. As relações entre os judeus e estes mestiços samaritanos, que estiveram submetidos às mais diversas oscilações, tinham experimentado nos tempos de Jesus especial agravamento, depois que os samaritanos, entre 6 e 9 d. C. durante a festa da Páscoa, pela meia noite, tornaram a praça do Templo impura, esparramando aí ossada humanas; reinava de ambas as partes, ódio irreconciliável. Vê-se então claramente que Jesus escolhe exemplos extremos, pela falha dos servos de Deus e pelo desinteresse do mestiço odiado os ouvintes devem medir o caráter incondicionado e ilimitado do mandamento do amor”³⁴

O ferido o vê chegar com temor. Também os ouvintes se alarmam. É coisa bem sabida a inimizade entre samaritanos e judeus. Pode-se esperar dele o pior. Chegará a liquida-lo? Mas o samaritano vê o ferido, “sente compaixão” e aproxima-se dele.

³² Id. PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Op. cit. p. 173.

³³ “Os samaritanos eram uma população que provinha da união entre os colonizadores assírios e as mulheres israelitas que não haviam sido deportadas para a Assíria após a destruição do reino do Norte (721 a. C.). Ao retornar do exílio da Babilônia (537 a. C.), os judeus excluíram do “povo eleito” e não lhes permitiram tomar parte na reconstrução do templo, devido à sua origem impura e à sua observância pouco estrita da religião judaica.” (PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*; Tradução Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2010, p. 174)

³⁴ JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*; Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1986, p.40.

Eis, então em sequência, as características do samaritano-modelo descritas por Domenico Cancian³⁵:

“chegou junto dele, viu-o” (Lc 10,33): a primeira coisa a ser feita é olhar, abrir bem os olhos e os ouvidos. O sacerdote e o levita também o viram, mas a deles foi uma visão parcial, superficial, estéril. É preciso superar a primeira resistência: ver, e logo adiante, até se desculpando “não tenho nada com isso”, não possuo meios”.

“... e moveu-se de compaixão” (Lc 10,33): Dos olhos ao coração. Voltamos à comoção das entranhas de Jesus expressa com o mesmo verbo empregado para indicar a misericórdia do pai pelo filho pródigo: *esplanchnísthe* (cf. Lc 10,33 com 15,20). É o calar-se afetivamente, numa situação de sofrimento, começando por compartilhá-la, colocando-se no lugar do infeliz: “Se eu estivesse nessa situação, o que eu sentiria?”

“Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois, colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados” (Lc 10, 34-35). Do coração logo brotam providências imediatas, que estão ao alcance de todos. Talvez não seja por acaso que são dez, podem até ser considerados como decálogo do amor cristão. Aproximar-se é o primeiro movimento: descer da posição em que se está, talvez estivesse comodamente a cavalo, e chegar bem perto, tornar-se próximo do homem que estava caído no chão, sem poder levantar-se. Jesus “desceu” do céu e aproximou-se de nós, deslocou-se, encarnou-se, deixou-se crucificar, fez-se pão.

Em seguida, faz por ele tudo o que pode: desinfeta-lhe as feridas com vinho, suaviza a dor com azeite, enfaixa-o, coloca-o sobre sua própria montaria, leva-o à hospedaria mais próxima, cuida dele e arca com todos os gastos que forem necessários.³⁶ Dificilmente teria ele ataduras consigo; deverá ter rasgado seu turbante ou sua roupa de baixo que era de linho. “Óleo e vinho”: o óleo é para aliviar cf. Is 1,6; e o vinho para desinfetar, era de se esperar a sequência contrária. “Sobre o seu animal”: Provavelmente se trata de um mercador que levava consigo mercadorias sobre um jumento ou asno e cavalgava em um segundo animal. Em favor de que seja um mercador, que passava com frequência no trecho de estrada, fala o seu conhecimento do dono da pensão e o anúncio de que retornaria em breve:

³⁵ Cf. Misericórdia: *face de Deus e da nova humanidade*/ Rosanna Virgilli ... [et al]; tradução Silva Debetto Cabral Reis. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 79.

³⁶ *Ib.* p. 174.

“No dia seguinte, tirou dois denaros e deu-os ao hospedeiro, dizendo: cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei” (Lc 10, 35). Os dois denaros era o sustento alimentar dum dia e correspondiam a uma duodécima parte do denário.³⁷ Sua atuação assemelha-se mais à de uma mãe cuidando com ternura do filho ferido.

E Jesus surpreende os ouvintes com uma pergunta: “Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” (Lc 10, 36). No versículo 29 o escriba pergunta pelo objeto de amor (a quem devo eu tratar como próximo?), Jesus no versículo 36 pergunta pelo sujeito do amor (quem agiu como próximo?). O escriba pensa a partir de si, quando pergunta: Onde está o limite do meu dever (v. 29)? Jesus lhe diz: Pensa a partir daquele que sofre a necessidade, coloca-te na sua situação, reflete contigo mesmo.³⁸

A parábola rompe todos os seus esquemas e classificações entre amigos e inimigos, entre membros do povo eleito e pessoas estranhas impuras. O reino de Deus se torna presente onde as pessoas atuam com misericórdia.³⁹ Esse é o ícone da misericórdia proposto pelo Bom Samaritano. De forma plástica ficam evidenciadas todas as passagens: dos olhos ao coração, do coração às mãos. Tudo inspirado e guiado pelas entranhas de misericórdia.⁴⁰

2.3 Maria, Mãe da Misericórdia.

No cântico pascal da Igreja repercutem, com a plenitude do seu conteúdo profético, as palavras que Maria pronunciou durante a visita que fez a Isabel, esposa de Zacarias: “A sua misericórdia estende-se de geração em geração” (Lc 1,5).

Maria é, pois aquela que de modo particular experimentou a misericórdia de modo excepcional. Tornou possível, com o sacrifício do coração a sua participação na revelação da misericórdia divina.⁴¹

Também no *Magnificat* (cf. Lc 1,46-55), Maria canta: “a sua misericórdia perdura de geração em geração, para aqueles que o temem”. Maria lê a sua experiência pessoal

³⁷ JEREMIAS, Joachim. As parábolas de Jesus; Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1986, p. 41.

³⁸ Ib. As parábolas de Jesus. Op.cit.p. 42.

³⁹ PAGOLA, José Antonio. Jesus: aproximação histórica. Op. cit.p. 174.

⁴⁰ Misericórdia: face de Deus e da nova humanidade/ Rosanna Virgilli ... [et al]. Op.cit. p. 80.

⁴¹ Cf. *Dives e Misericórdia*. Carta Encíclica. Do Sumo Pontífice João Paulo II Sobre a Misericórdia Divina, 1980.

de Mãe de Deus como canto de louvor e de exultação ao Senhor, seu Salvador, que por puro amor voltou o olhar para sua humilde serva. O Deus onipotente e santo operou nela grandes coisas, e será chamada bem-aventurada por todas as gerações.⁴²

Assim comenta Enzo Bianchi: “A essência das grandes coisas que Deus opera entre os seres humanos é a misericórdia, e na ação misericordiosa de Deus está toda a sua santidade”⁴³. Portanto Maria lê a sua história à luz do que Deus realizou no povo e também vice-versa, vê o futuro do povo como fruto da obra que o Senhor realizou nela.

Maria é uma singular participação na revelação da misericórdia, isto é, da fidelidade absoluta de Deus ao próprio amor, à Aliança que Ele quis desde toda a eternidade e que no tempo realizou com o homem, com o seu Povo e com a humanidade. É a participação na revelação que se realizou definitivamente mediante a Cruz. Ninguém jamais experimentou, como a Mãe do Crucificado, o mistério da Cruz, o impressionante encontro da transcendente justiça divina com o amor, o “ósculo” dado pela misericórdia à justiça.⁴⁴

Podemos perceber na *Redemptoris Mater* (RMa) de João Paulo II a universalidade da salvação que Maria proclama:

“No arrebuo do seu coração, Maria confessa ter-se encontrado no próprio âmago desta plenitude de Cristo. Está consciente de que em si está a cumprir-se a promessa feita aos pais e, em primeiro lugar, em favor de "Abraão e da sua descendência para sempre": que em si, portanto, como mãe de Cristo, converge toda a economia salvífica, na qual "de geração em geração" se manifesta Aquele que, como Deus da Aliança, "se recorda da sua misericórdia"⁴⁵

Assim, Maria é aquela que conhece mais profundamente o mistério da misericórdia divina. Conhece o seu preço e sabe o quanto é elevado. Neste sentido chamamos-lhe Mãe da misericórdia, Nossa Senhora da Misericórdia, ou Mãe da divina misericórdia. Em cada um destes títulos há um profundo significado teológico, porque exprimem a particular preparação da sua alma e de toda a sua pessoa, para torná-la capaz de descobrir, primeiro, através dos complexos acontecimentos de Israel e, depois, daqueles que dizem respeito a cada um dos homens e à humanidade inteira, a

⁴² Cf. Misericórdia: face de Deus e da nova humanidade/ Rosanna Virgilli ... [et al]; tradução Silva Debetto Cabral Reis. São Paulo: Paulinas, 2006.

⁴³ Cf. BIANCHI, E. *Magnificat, Benedictus, Nunc dimittis*. Bose. Qiqajon, 1991.

⁴⁴ *Dives e Misericordia*. Carta Encíclica. Do Sumo Pontífice João Paulo II Sobre a Misericórdia Divina, 1980.

⁴⁵ RMa 37.

misericórdia da qual todos se tornam participantes, segundo o eterno desígnio da Santíssima Trindade, “de geração em geração”⁴⁶

Essa misericórdia, que atravessa e dá sustentação a todas as gerações, é o fio condutor da história humana: a história de Maria, a história de Israel, a história de cada ser humano. Os salmos repetem: “Iahweh é bom: o seu amor é para sempre, e sua verdade de geração em geração” (Sl 100,5); “Vou cantar para sempre o amor de Iahweh, minha boa anunciará tua verdade de geração em geração” (Sl 89,2). É o texto mil vezes citado pela tradição cristã na versão latina: *Misericordias Domini in aeternum cantabo*.⁴⁷

O anúncio da misericórdia do Senhor feito por Maria como anúncio de preferência pelos esquecidos e oprimidos pela sociedade, é acolhido pela Igreja, como expressa João Paulo II na *RMa* 37:

O seu [da Igreja] amor preferencial pelos pobres acha-se admiravelmente inscrito no Magnificat de Maria. [...] Haurindo certeza do coração de Maria, da profundidade da sua fé, expressa nas palavras do Magnificat, a Igreja renova em si, sempre para melhor, essa própria certeza de que não se pode separar a verdade a respeito de Deus que salva, de Deus que é fonte de toda a dádiva, da manifestação do seu amor preferencial pelos pobres e pelos humildes, amor que, depois de cantado no Magnificat, se encontra expresso nas palavras e nas obras de Jesus.

Maria é para os cristãos, modelo que inspira a levar aos outros, especialmente aos pequenos e desvalidos, a alegria do anúncio, da solidariedade e da misericórdia, trazendo no silêncio do coração, como ela, a Palavra, crescendo na fé a cada dia.

Papa Francisco, em seu primeiro livro *A Igreja da Misericórdia*, dedica um capítulo sobre Maria, Mãe da Evangelização. E como um bom jesuíta, resume as atitudes de Maria em palavras:

“Três palavras resumem a atitude de Maria: a escuta, a decisão e a ação: Palavras que também indicam um caminho para nós diante daquilo que o Senhor no pede na vida. Escuta, decisão e ação. A escuta: Maria sabe ouvir a Deus, mas não se trata de um simples escutar, um ouvir superficial, mas é um escutar feito de atenção, de acolhimento e de disponibilidade a Deus. A decisão: Maria não vive apressada, ansiosa, mas como São Lucas ressalta ‘ponderava tudo no seu coração’. [...] Maria põe-se à escuta de Deus, medita, procura compreender a realidade e decide confiar totalmente em Deus, e embora esteja grávida decide ir visitar a sua parenta idosa. A

⁴⁶ Cf. *Dives e Misericórdia*. Carta Encíclica. Do Sumo Pontífice João Paulo II Sobre a Misericórdia Divina, 1980.

⁴⁷ Id. *Misericórdia: face de Deus e da nova humanidade*. Op.cit. p. 95.

ação: O agir de Maria é uma consequência da sua obediência às palavras do Anjo, mas unida à caridade. Maria, mulher da escuta, da decisão e da ação”⁴⁸

Ele menciona que a fé de “Maria ‘desata o nó do pecado’ (Lc 1,36). Maria com o seu ‘sim’ abriu a porta a Deus para desatar o nó da desobediência antiga, é a mãe que, com paciência e ternura nos leva a Deus para que Ele desate os nós de nossa alma com a sua misericórdia de Pai”.⁴⁹ Ela é a intercessora:

“Na cruz, quando Cristo suportava em sua carne o dramático encontro entre o pecado do mundo e a misericórdia divina, pôde ver a Seus pés a presença consoladora da Mãe e do amigo [...]. Ao pé da cruz, na hora suprema da nova criação, Cristo nos conduz a Maria; nos conduz a Ela, porque quer que caminhemos sem uma mãe e, nesta imagem materna, o povo lê todos os mistérios do Evangelho”⁵⁰

“Maria é aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura.”⁵¹

⁴⁸ FRANCISCO, Papa. *A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja*. Organização Giuliano Vigini; [tradução do prefácio Cristina Mariani]. 1ª. Ed. São Paulo: Paralela, 2014, p 112.

⁴⁹ Id. *A Igreja da Misericórdia*. Op.cit.p. 104.

⁵⁰ Ib. p. 107

⁵¹ Ib.p. 107

CAPÍTULO III

A PRÁTICA DA MISERICÓRDIA NOS DOCUMENTOS DA IGREJA

Para essa reflexão utilizaremos três pronunciamentos do magistério: Carta Encíclica *Dives in Misericordia* do Papa João Paulo II; Carta Encíclica *Deus Caritas est* do Papa Bento XVI; Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco. Encontramos no recente livro “A Igreja da Misericórdia”, do Papa Francisco que nos orienta na pesquisa: “Quem pratica a misericórdia não teme a morte, porque a olha de frente nas feridas dos irmãos e supera-as com o amor de Jesus Cristo”⁵².

3.1 Carta Encíclica *Dives in Misericordia* do Papa João Paulo II

Publicada em novembro de 1980, pelo papa João Paulo II, a Encíclica *Dives in Misericordia* nos diz que Jesus Cristo ensinou que o homem não só recebe e experimenta a Misericórdia de Deus, mas também é chamado a ter misericórdia para com os demais: “Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5,7). O homem alcança o amor misericordioso de Deus, na medida em que ele próprio se transforma interiormente, segundo o espírito de tal amor para com o próximo.

O Papa João Paulo II, explica o título da encíclica trazendo duas afirmações bíblicas:

- 1) O Cristo, sendo o Filho revela o Pai: “Ninguém jamais viu a Deus: o Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o deu a conhecer” (Jo 1,18). Para Filipe, que lhe pede para mostrar o Pai, Jesus responde: “Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces, Filipe? Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9).
- 2) O Pai que Cristo revela-nos especialmente na sua morte e ressurreição tem uma conotação fundamental: misericórdia. Todos nós, diz São Paulo, estávamos mortos em nossos pecados, pois vivemos à maneira deste mundo, seguindo os desejos da carne e, portanto, merecíamos a condenação. “Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo – pela graça

⁵² Ib. p. 104.

fostes salvos! – a fim de mostrar nos tempos vindouros a extraordinária riqueza da sua graça, pela sua bondade para conosco, em Cristo Jesus "(Ef 2 , 4-7).

Temos que reconhecer, nestes textos, a afirmação de que Deus em Cristo trouxe a salvação do homem apenas por seu grande amor, como presente, somente pela graça. Deus se revelou "rico em misericórdia" (Ef 2,4). Também temos que reconhecer a lógica convincente que liga as duas afirmações bíblicas: Cristo nos revela o Pai, que é definido principalmente por seu amor misericordioso, tendo Ele salvo por puro amor em Cristo quando éramos pecadores e rebeldes.⁵³

O Papa João Paulo enfatiza na Encíclica que:

“Diante dos seus conterrâneos, em Nazaré, Cristo expõe as palavras do profeta Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graças do Senhor” (Lc 4, 18-20). Segundo S. Lucas, estas afirmações são a sua primeira declaração messiânica, à qual se seguem os fatos e as palavras conhecidos por intermédio do Evangelho. Mediante tais fatos e palavras, Cristo torna o Pai presente no meio dos homens”. (DM, n. 3)

O amor misericordioso de Deus começa com Cristo, com o que Ele diz sobre si mesmo, o que ele faz: conclui-se que a identidade mais profunda de Cristo é apresentar-se no amor do Pai para os homens. “O Messias torna-se sinal particularmente legível de Deus que é amor, assim torna-se sinal do Pai”.⁵⁴

Na Encíclica o Papa faz uma analogia com a Parábola do Filho Prodigio hoje mais conhecida como Parábola do Pai Misericordioso. Nesta Parábola se concentra a verdade mais profunda sobre Deus e o homem: a misericórdia que perdoa. Deus é o Pai, o homem se encontra e se redescobre como filho:

“Na parábola do filho pródigo não é usado, nem uma vez sequer, o termo “justiça”, assim como também não é usado no texto original, o termo “misericórdia”. Contudo, a relação da justiça com o amor que se manifesta como misericórdia aparece profundamente vinculada no conteúdo desta parábola evangélica. Torna-se claro que o amor se transforma em misericórdia quando é preciso ir além da norma exata da justiça: norma precisa, mas, por vezes, demasiado rigorosa.”⁵⁵

O amor misericordioso de Deus também é revelado na Cruz e na Ressurreição:

“Cristo, enquanto homem, que sofre realmente e de um modo terrível no Jardim das Oliveiras e no Calvário, dirige-se ao Pai, àquele Pai cujo amor Ele pregou aos

⁵³CANCION, Domenico. In. Atti del Convegno Internazionale - *Prima lettura della Dives in Misericordia*. Santuário da Misericórdia. Collevalenza (Perugia – Itália). 1981. p. 56.

⁵⁴ DM 3.

⁵⁵ DM 5.

homens e de cuja misericórdia deu testemunho com todo o seu agir. Mas não lhe é poupado, nem sequer a Ele, o tremendo sofrimento da morte na cruz: “Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado por causa de nós, a fim de que, por ele, nos tornemos justiça de Deus” (2 Cor 5,21), escrevia São Paulo, resumindo em poucas palavras toda a profundidade do mistério da Cruz e a dimensão divina da realidade da Redenção”⁵⁶

O fundamento da misericórdia divina está no mistério Pascal de Cristo pelo qual Deus, através de Jesus, paga por nós com a morte de cruz. Isso nos assegura que não há maior amor, e que Deus tem sido e será absolutamente fiel ao seu eterno amor para com a humanidade, superando nosso pecado e nossa morte.

Já a Igreja, nos diz João Paulo II, tem a tarefa principal de apresentar ao mundo a Divina Misericórdia: professando em suas crenças, proclamando a celebração da Palavra de Deus e os sacramentos, incorporando em suas vidas, especialmente com o testemunho das obras de amor e perdão, implorando por si mesma e para o mundo inteiro:

“É preciso que a Igreja de nosso tempo tome consciência mais profunda e particular da necessidade de dar testemunho da misericórdia de Deus, em toda a sua missão, em continuidade com a tradição da Antiga e da Nova Aliança e, sobretudo, no seguimento do próprio Cristo e dos seus apóstolos”⁵⁷.

Temos, aqui, três referências inspiradoras para o testemunho da misericórdia por parte da Igreja: Aliança, seguimento a Cristo, *munus* apostólico. Todas, por sua vez, radicadas no amor salvífico do Pai, fonte primeira da misericórdia⁵⁸. A missão da Igreja não se esgota nela mesma, mas no testemunho universal da misericórdia que o Pai derrama sobre a humanidade. Misericórdia realizada em Cristo e por ele confiada ao ministério eclesial, para que seja proclamada na verdade, encarnada na prática e implorada na oração. Encontrar por estas vias a misericórdia divina é encontrar o rosto do Pai⁵⁹:

“De acordo com as palavras que Cristo dirigiu a Felipe, a visão do Pai - visão de Deus mediante a fé - tem precisamente no encontro com a sua misericórdia um momento singular de simplicidade e verdade interior, como aquele que nos é possível ver na parábola do filho pródigo.”⁶⁰

Ao que João Paulo II acrescenta:

⁵⁶ DM 7.

⁵⁷ DM 13

⁵⁸ Cf. O Pai é "*fons magnifici ipsius amoris misericordis*", e Jesus é o messias que nos abriu esta fonte: "*qui nobis ab eo est apertus*" (DM, n. 14)

⁵⁹ MAÇANEIRO, Marcial. *Misericórdia, Carisma e Missão*. In: Congresso Apostólico Mundial da Misericórdia. Disponível em: http://win.dehon.it/scj_dehon/cuore/articles/texts/artic_008_pt.doc. Acesso em: 01 abril 2014.

⁶⁰ DM 13.

“A Igreja professa a misericórdia de Deus, a Igreja vive dela na sua vasta experiência de fé e também no seu ensino, contemplando constantemente a Cristo, concentrando-se nele, na sua vida e no seu evangelho, na sua Cruz e Ressurreição, enfim, em todo o seu mistério. Tudo isto, que forma a visão de Cristo na fé viva e no ensino da Igreja, aproxima-nos da "visão do Pai" na santidade da sua misericórdia.”⁶¹

Deste modo, a frase de Cristo – "quem me vê, vê o Pai" (Jo 14,9) – pode ser aplicada também à Igreja. Sempre que alguém experimenta a misericórdia mediante a sacramentalidade da Igreja, encontra o Pai e vê seu rosto. A Palavra, os sacramentos (sobretudo a eucaristia e a penitência), a piedade autêntica (como o culto ao Coração de Jesus) e a prática do amor fraterno⁶², fazem da Igreja um ícone da misericórdia divina. Isto se concretiza no seu apostolado, especialmente quando ela ministra a reconciliação, no perdão e na caridade dispensados. Assim, a Igreja mostra a todos quanto "infinita e inexaurível é a prontidão do Pai em acolher os filhos pródigos que voltam à sua casa"⁶³. Daí o perdão, a gratuidade e a solidariedade que devem caracterizar a práxis eclesial, especialmente no serviço aos pobres, aflitos e pecadores⁶⁴, à imagem "daquele amor que é paciente e benigno, como o é o Criador e Pai"⁶⁵.

3.2 Carta Encíclica *Deus caritas est* do Papa Bento XVI

Em sua primeira Encíclica, intitulada *Deus caritas est*, publicada em 2 de dezembro de 2005 o Papa Bento XVI fala sobre o amor cristão. A mesma é dividida em duas partes: 1) a unidade do amor na criação e na história da salvação. Apresenta uma reflexão teológico-filosófica sobre o “amor” em suas diversas dimensões – “*eros*”, “*philia*”, “*ágape*” – precisando alguns dados essenciais sobre o amor de Deus pelo ser humano e a relação intrínseca que esse amor tem com o amor humano. 2) a prática eclesial do mandamento do amor ao próximo. Apresenta o exercício concreto do mandamento do amor ao próximo.

De estilo linear, conceitual e didático, esta encíclica tem uma *décolage* claramente joanina: “Deus é amor: quem permanece no amor permanece em Deus e

⁶¹ DM 13.

⁶² Id. *Misericórdia, Carisma e Missão*. Elementos citados no mesmo n. 13.

⁶³ DM 13.

⁶⁴ Cf. Traços de uma pastoral da misericórdia, na opinião de L. CHIARINELLI: "L'enciclica *Dives in misericordia* di Giovanni Paolo II", in F. TAGLIAFERRI: o.c., p. 12-13.

⁶⁵ DM n. 13

Deus nele. (...) Nós cremos no amor de Deus” (1Jo 4,16), que “amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu Filho único para que todo o que nele crer tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Enquanto *Dives in misericordia* parte da semântica judaica, *Deus caritas est* parte da antropologia subjacente à noção grega de *eros e ágape*. Neste sentido, a encíclica segue um fio preciso: “a cura do *eros* humano em ordem à sua verdadeira grandeza” pela via da “unidade”. Nem dualismo (corpo *versus* alma), nem reducionismo (o *eros* restrito à sexualidade)⁶⁶.

A princípio, Bento XVI não aborda diretamente a misericórdia. Mas faz um recuo fundamental para nosso tema: ele assevera a unidade antropológica que marca a pessoa humana diante de si mesma, diante dos demais e diante de Deus. A reconciliação entre corpo e afeto, entre amor ascendente (*eros*) e amor descendente (*ágape*) é condição para o amadurecimento integral da pessoa, tornando-a um sujeito capaz de doação, entrega e generosidade – alicerces do amor misericordioso⁶⁷:

“Na realidade, *eros* e *ágape* (amor ascendente e amor descendente) nunca se deixam separar completamente um do outro. Quando mais os dois encontram a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral. Embora o *Eros* seja inicialmente sobretudo ambicioso, ascendente (fascinação pela grande promessa de felicidade); depois, à medida que se aproxima do outro, far-se-á cada vez menos perguntas sobre si próprio, procurará sempre mais a felicidade do outro, preocupar-se-á cada vez mais com ele, doar-se-á e desejará “existir para” o outro. Assim se insere nele o momento da *ágape*”⁶⁸

A adequada conjugação *eros-ágape* educa a pessoa à doação, seguindo a lógica do dom (e não da posse). Com *ágape*, o *eros* se torna amor oblativo – recuperando sua similitude com o amor divino original. A própria pessoa, quando ama assim, se faz dom para o outro. Daí a fidelidade e a generosidade típicas do amor de aliança, celebrado entre Deus e a Humanidade, bem como entre esposo e esposa (cf. Cântico dos Cânticos, Oséias, Ezequiel). Então, sim, temos uma clara aproximação entre *Dives in misericordia* e *Deus caritas est*: a afirmação de Jesus Cristo como encarnação do amor divino⁶⁹. Bento XVI faz alusão direta às parábolas da misericórdia (especialmente de Lucas 15) e conclui que nelas Jesus faz uma “explicação de seu próprio ser e agir”:⁷⁰.

“A parábola do bom samaritano leva a dois esclarecimentos importantes. (1) Enquanto o conceito de “próximo” até então se referia essencialmente aos

⁶⁶ DCE 5

⁶⁷ Id. *Misericórdia, Carisma e Missão*. Op.cit. p. 10

⁶⁸ DCE 7

⁶⁹ Cf. DM 6-13 e DCE 12-15.

⁷⁰ DCE 12.

concidadãos e aos estrangeiros que se tinham estabelecido na terra de Israel – ou seja, à comunidade solidária de um país e de um povo – agora esse limite é abolido. Qualquer um que necessite de mim e eu possa ajudá-lo é meu próximo. (2) O conceito de próximo fica universalizado, sem, contudo, deixar de ser concreto: apesar de sua extensão a todos os homens, não se reduz à expressão de um amor genérico ou abstrato (o que seria em si mesmo pouco comprometedor), mas requer meu empenho prático, aqui e agora. Continua a ser tarefa da Igreja interpretar sempre de novo essa ligação entre distante e próximo na vida prática de seus membros.”⁷¹

Assim, com este indicativo direto à missão da Igreja, o Papa Bento XVI conclui:

“É preciso, enfim, recordar de modo particular a grande parábola do Juízo final, em que o amor se torna critério para a decisão definitiva sobre o valor ou a inutilidade de uma vida humana. Jesus identifica-se com os necessitados: famintos, sedentos, forasteiros, nus, enfermos, encarcerados. “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes” (Mt 25,40). Amor a Deus e amor ao próximo fundem-se numa unidade: no mais pequenino encontramos o próprio Jesus e – em Jesus – encontramos Deus.”⁷²

Bento XVI afirma o caráter prático da misericórdia (tão límpido nas Escrituras) e o confia ao discernimento pastoral da Igreja, chamada pelo próprio Cristo a interpretar quem são os seus “próximos” no atual contexto missionário. Em outras palavras: o apostolado da misericórdia está na base da fidelidade da Igreja a Jesus, bem como na base de sua credibilidade perante o mundo!⁷³

Esta primeira parte da encíclica se conclui com outra categoria, associada àquela da corporeidade: a categoria do olhar. Pois o olhar é um sentido bíblicamente referido à compaixão, como o toque se refere à misericórdia.

Estas linhas do documento são muito sugestivas. Bento XVI cita 1Jo 4,20: “Se alguém disser ‘Eu amo a Deus’, mas odiar a seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama a seu irmão ao qual vê, como pode amar a Deus, a quem não vê?”. E acrescenta: “O amor ao próximo é uma estrada para encontrar também a Deus; e o fechar os olhos diante do próximo nos torna cegos também diante de Deus”⁷⁴. Depois, seguindo a via do olhar – sempre ligado à compaixão – ele conclui:

“Revela-se, assim, como é possível o amor ao próximo no sentido enunciado por Jesus na Bíblia. Consiste precisamente no fato de que eu amo, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada e quem nem sequer conheço. Isso só é possível realizar-se a partir do encontro íntimo com Deus: um encontro que se tornou comunhão de vontade, chegando mesmo a tocar o sentimento. Então aprendo a ver aquela pessoa já não apenas com meus olhos e sentimentos, mas segundo a perspectiva de Jesus

⁷¹ DCE 15.

⁷² DCE 15.

⁷³ *Ib.* p. 11.

⁷⁴ DCE 16.

Cristo. Seu amigo é meu amigo. (...) Eu vejo com os olhos de Cristo e posso dar ao outro muito mais do que as coisas externamente necessárias: posso dar-lhe o olhar de amor de que ele precisa.⁷⁵

Na sua segunda parte, a encíclica vai traduzir a caridade em programa de apostolado social, inteligente e articulado. O exercício da caridade se configura como verdadeiro serviço (*diaconia*), estruturado e inteligente, tão importante quanto os sacramentos e a escuta da Palavra de Deus⁷⁶. Tal serviço é ao mesmo tempo promoção da justiça, a cujas exigências a caridade busca responder, sobretudo no cuidado com os mais pobres da sociedade. “Neste ponto, política e fé se tocam” no “empenhar-se pela justiça”⁷⁷. O serviço da caridade supera o mero assistencialismo, para se organizar como promoção humana integral – “um verdadeiro humanismo”, dirá Bento XVI⁷⁸. Além disso, é um espaço de testemunho ecumênico, quando diferentes Confissões cristãs se comprometem conjuntamente em “fazer triunfar o respeito pelos direitos e necessidades de todos, especialmente dos pobres, humilhados e desprotegidos”.

3.3 Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

Primeira Exortação Apostólica de Papa Francisco, a *Evangelii Gaudium*, (A alegria do Evangelho), publicada no dia 24 de novembro de 2013, mostra-se como um documento essencialmente pastoral, por meio do qual, o Papa Francisco, dá pistas de seu programa de Pontificado. Na Exortação, o Papa Francisco não mostra preocupação de fazer progressos doutrinários ou desenvolver novas doutrinas em relação aos seus antecessores. Em vez disso, assume as reflexões e posições doutrinárias já existentes. Francisco quer que a Igreja saia para levar às pessoas o anúncio cristão. A tarefa, adverte, requer criatividade, a fim de encontrar modos de chegar a todos, e para isso é mais importante o espírito interior que a programação.

A exortação apoia-se nas reflexões do último sínodo dos bispos, sobre a nova evangelização, celebrado há um ano. O Papa cita e comenta amiúde os documentos do sínodo, mas elabora um texto muito pessoal. A diferença da sua encíclica *Lumen Fidei*, baseada nos rascunhos redigidos por Bento XVI, esta exortação está cheia de expressões

⁷⁵ DCE 18.

⁷⁶ DCE 25.

⁷⁷ DCE 28, conjugando amor e justiça, semelhante a DM 69-77.

⁷⁸ DCE 30.

características de seu pontificado e apresenta temas que ele abordou em ocasiões anteriores. Assim o Papa Francisco nos diz:

“Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6, 37).”⁷⁹

Papa Francisco pede também a hierarquia eclesial “Tenham paciência, sejam misericordiosos, não levem tudo a ferro e a fogo na doutrina”.

Na Exortação, dos números 2 a 8, o Papa fala sobre Deus e a alegria que d’Ele emana, que pode ser encontrada desde o Antigo Testamento e que é plena no Evangelho, onde, em Cristo, Deus se deixa encontrar pela humanidade. Segundo o Papa, esse encontro com o Cristo é que tem o poder de resgatar e nos elevar:

“Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de comunicá-lo aos outros?”⁸⁰

A partir dessa experiência, de deixarmos sermos conduzidos por Deus, o Papa nos diz que aí está à fonte da Evangelização “A Igreja não deve esquecer que a iniciativa da evangelização parte sempre de Deus, que envia, inspira e orienta os que com Ele colaboram na missão de evangelizar”, assim:

“A Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que “*primeireiam*” (tomam a iniciativa!) [...] Se envolvem, acompanham, frutificam e festejam. [...] A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor [...], por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia fruto de ter experimentado misericórdia infinita do Pai [...]. Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa!”⁸¹

⁷⁹ EG 49.

⁸⁰ EG 8.

⁸¹ EG 24.

Assim é a Igreja de Francisco, uma “igreja em saída”⁸² uma igreja que deve oferecer a misericórdia de Deus. Misericórdia essa que marca não só o seu pontificado, mas sua vida.

Quando nomeado bispo decidiu escolher como programa de vida a expressão “*Miserando atque eligendo*”, (olhou-o com misericórdia e o escolheu – é extraída de uma homilia de São Beda Venerável, que comentava o episódio bíblico da vocação de Mateus cf. Mt 9, 9-13; Mc 2, 13-17; Lc 5, 27-28)⁸³, que mantém agora, a par dos elementos que já constituíam o brasão episcopal.

Em um dos seus discursos aos párocos romanos, que foram recebidos, para a tradicional Audiência de início de Quaresma, na sala Paulo VI, o Papa Francisco fala:

“Não estamos aqui para fazer um bom exercício espiritual no começo da Quaresma, mas para escutar a voz do Espírito que fala a toda a Igreja neste nosso tempo que é precisamente o tempo da misericórdia. Todos nós necessitamos da misericórdia de Deus. Inclusive os fiéis, porque, como pastores, devemos dar tanta, mas tanta misericórdia!”⁸⁴

Em toda a Igreja, disse o Papa Francisco, “é tempo de misericórdia. Esta foi à intuição do Beato João Paulo II. Pensemos na beatificação e canonização da Irmã Faustina Kowalska; depois introduziu a festa da Divina Misericórdia, avançou pouco a pouco e seguiu em frente com isto. Neste sentido nós estamos vivendo um tempo de misericórdia, há 30 anos ou mais”.⁸⁵ E o Papa Francisco continua mencionando sobre a misericórdia no Magistério da Igreja:

“Hoje esquecemos tudo com muita facilidade, inclusive o Magistério da Igreja! Em parte é inevitável, mas não podemos esquecer os grandes conteúdos e intuições deixadas ao Povo de Deus. E a da Divina Misericórdia é uma delas. Cabe a nós, como ministros da Igreja, manter viva essa mensagem, sobretudo na pregação e nos gestos, nos sinais, nas opções pastorais. Por exemplo, a opção de priorizar novamente o Sacramento da Reconciliação, e ao mesmo tempo, as obras de misericórdia.”⁸⁶

Em seu mais novo livro “A Igreja da Misericórdia”, Papa Francisco nos fala que a Igreja deve ser antes de qualquer coisa, casa da misericórdia de Deus. Ela deve acolher acompanhar, ajudar a todos a encontrar a “Boa Nova” da esperança cristã. Para

⁸² EG, n. 24.

⁸³ Papa Francisco. *A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja*. Organização Giuliano Vigini; [tradução do prefácio Cristina Mariani]. 1ª. Ed. São Paulo: Paralela, 2014, p 112.

⁸⁴ SCARAMUZZI, Iacopo. “Os Padres de laboratório não ajudam a Igreja” Disponível em: www.ihu.unisinos.br/noticias/528951-os-padres-de-laboratorio-nao-ajudam-a-igreja-diz-francisco-aos-parocos-romanos. Acessado em 11 março, 2014.

⁸⁵ Ib. “Os Padres de laboratório não ajudam a Igreja”

⁸⁶ Ib. “Os Padres de laboratório não ajudam a Igreja”

isso, segundo o Papa Francisco, a Igreja não pode permanecer fechada em si mesma, mas deve sair ir para as periferias da existência, lá onde estão os pobres, os últimos, os marginalizados, para levar o abraço misericordioso de Deus.

“A Igreja deve sair de si mesma. Para onde? Para as periferias existenciais, sejam eles quais forem, mas sair. Jesus diz-nos ‘Ide pelo mundo inteiro! Ide! Pregai! Dai testemunho do Evangelho!’ Entretanto que acontece quando alguém sai de si mesmo? Pode suceder aquilo que estão sujeitos os que saem de casa e vão pela estrada: um acidente. Mas eu digo: Prefiro mil vezes uma Igreja acidentada, que sofreu um acidente, do que uma Igreja doente por estar fechada! Ide para fora, saí!”⁸⁷

Assim o Papa faz um apelo para que sejamos "cristãos em tempo integral e não cristãos de sala ou de lojas que vende doce". Para os bispos e padres pedem para serem "pastores com o cheiro das ovelhas":

“Apascentai o rebanho de Deus, que vos é confiado. Ocupai-vos dele, não constringidos, mas espontaneamente; não por amor de interesses sórdidos, mas com dedicação, não como dominadores absolutos sobre as comunidades que vos são confiadas, mas como modelos do vosso rebanho. Que essas palavras de São Pedro permaneçam gravadas no coração! Somos chamados e constituídos pastores, não pastores pro nós mesmos, mas pelo Senhor, e não para servirmos a nós mesmos, mas o rebanho que nos foi confiado, servindo-os até dar a nossa vida como Cristo, Bom Pastor”⁸⁸

O Papa continua "A principal tarefa que pertence à Igreja é dar testemunho da misericórdia de Deus e para incentivar a resposta generosa de solidariedade para abrir para um futuro de esperança." E nessa abertura de esperança o Papa Francisco, destaca que a Igreja deve ser para os pobres:

“Cada cristão e cada comunidade são chamados a serem instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isso supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo. Basta percorrer as Escrituras, para descobrir como o Pai bom quer ouvir o clamor dos pobres: ‘Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egito, e ouvi o seu clamor diante dos seus inspetores: conheço, na verdade, os seus sofrimentos. Desci a fim de os libertar [...]. E agora, vai; Eu te envio...’”⁸⁹

A Igreja reconheceu, conforme Francisco, que a exigência de ouvir esse clamor deriva da própria obra libertadora da graça em cada um de nós, pelo que não se trata de uma missão reservada apenas a alguns: “A Igreja, guiada pelo Evangelho da Misericórdia e pelo amor ao homem, escuta o clamor pela justiça e deseja responder com todas as suas forças”.

⁸⁷ Id. “Papa Francisco. *A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja*. Op.cit p. 79

⁸⁸ Ib.p.69.

⁸⁹ Ib.p 25.

Assim o evangelho de Jesus pode ser caracterizado como o evangelho da misericórdia, ou seja, “tornar presente o Pai como amor e misericórdia, na consciência do próprio Cristo, é ponto de referência fundamental da sua missão de Messias”.⁹⁰

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus “manifesta a sua misericórdia” a eles:

“Outro ponto importante são os pobres. Se sairmos de nós mesmos, encontramos a pobreza. A pobreza, para nós cristãos, não é uma categoria sociológica, filosófica ou cultural. Não! É uma categoria teológica. Diria que essa é talvez a primeira categoria, porque aquele Deus, o Filho de Deus, humilhou-se, fez-se pobre para caminhar conosco ao longo da estrada. E essa é a nossa pobreza: a pobreza da carne de Cristo, a pobreza que nos trouxe o Filho de Deus com a sua Encarnação. A Igreja pobre para os pobres começa por se dirigir à carne de Cristo. Se nos fixarmos na carne de Cristo, começamos a compreender qualquer coisa, a compreender o que é essa pobreza, a pobreza do Senhor”.⁹¹

Essa preferência tem consequências na vida de fé de todos os cristãos chamados a possuírem “os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus” (Fl 2,5). Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma “forma especial de prioridade na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a tradição da Igreja”. Papa Bento XVI, nos ensinava que essa opção está “implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza”. Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização, é um convite a reconhecer a força salvadora das suas vidas, e ao colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir neles: não só a emprestar a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles.⁹²

⁹⁰ Rosanna Virigili ...[et al.] *Misericórdia: face de Deus e da nova humanidade*; Tradução Silva Debetto Cabral Reis. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 37.

⁹¹ Ib. “FRANCISCO, Papa. *A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja*. Op.cit p. 81

⁹² Cf. Papa Francisco. *A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja*. Organização Giuliano Vigini; [tradução do prefácio Cristina Mariani]. 1ª. Ed. São Paulo: Paralela, 2014, p. 35.

CONCLUSÃO

Em sua infinita bondade e misericórdia, Deus vêm e se manifesta de maneira surpreendente na humanidade. Ele se comunica de maneira plena enviando ao mundo o seu Filho nascido criança numa manjedoura. A presença do Filho, o Emanuel, que "se fez carne e armou sua tenda entre nós" (Jo 1,1-18) revela o amor incondicional e misericordioso de Deus Pai.

A constituição Pastoral *Gaudium et spes* nos revela que: “por sua encarnação, o Filho de Deus uniu-Se de algum modo a todo o homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano” (*Gaudium et Spes* 22). O amor compassivo do profeta itinerante de Nazaré, e em especial o mistério de sua morte e ressurreição, revela-nos a imensa misericórdia do Pai no seu Filho em comunhão com o Espírito Santo. Revela-nos igualmente os dons e talentos doados gratuitamente a humanidade que pratica a misericórdia. Jesus, humano-divino e divino-humano, é a revelação de Deus a toda a humanidade. Em seu ministério público e com maior luz no Mistério Pascal, Jesus Cristo desvenda a face oculta do Pai em seu infinito amor, compaixão e misericórdia. E desvenda igualmente as potencialidades do ser humano na sua capacidade de doar-se, de ser para o outro.

A parábola do Bom Samaritano, ou como nos apresenta o Papa Bento XVI “o samaritano misericordioso”⁹³, trata da questão fundamental do homem: quem é, então, o próximo? A esta pergunta tão concreta Jesus responde com a parábola do homem que caiu nas mãos dos ladrões no caminho que vai de Jerusalém para Jericó e que foi abandonado e quase morto ao longo da estrada. Passaram o Sacerdote e o Levita, conhecedores da Lei, mas não prestaram atenção no ocorrido. Mas eis que surge um Samaritano. Que não fica inerte a situação. Acontece algo completamente diferente “o seu coração como que se rasga. Ele é atingido nas suas entranhas, na sua alma, ao ver aquele homem assim. Foi tomado de compaixão, por meio da luz fulminante da misericórdia que alcança a sua alma, tornar-se ele mesmo próximo, para além das perguntas e dos perigos”⁹⁴.

⁹³ Papa Bento XVI. *Jesus de Nazaré: primeira parte: do batismo no Jordão à transfiguração*. Tradução José Jacinto Ferreira de Farias. Editora Planeta do Brasil. São Paulo, 2007, pag. 174.

⁹⁴ *Ib.* pag. 175.

Eis a grande misericórdia de Deus! Fazer-se próximo curar as feridas! Sentir a dor do outro, abaixar-se até o seu nível, compreender a sua vulnerabilidade sem logo julgá-la. O Samaritano vai além da lei, vai além das perguntas e dos perigos! Compartilha a sua vida, o seus bens para salvar o seu próximo.

Jesus, o Filho de Deus vivenciou um Deus Trindade que é Pai de infinita bondade e que, por isso, assumiu características de mãe: acolhe a todos, a bons e a maus e revela uma misericórdia ilimitada. A forma como Jesus expressa a misericórdia de Deus é ser ele mesmo misericordioso, coerente com o que aconselhava aos outros: “sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). Em razão disso, se misturava às pessoas de má fama para que, em contato com Ele, pudessem sentir a misericórdia divina.

Portanto “a mensagem mais forte do Senhor é a sua misericórdia. Não há nenhum limite para a misericórdia de Deus” afirma o Papa Francisco. É imprescindível percebermos em nossa vida e em nossa história o carinho e o zelo que Deus tem por nós.

BIBLIOGRAFIA

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2 ed., São Paulo: Paulinas, 1992
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Informação e documentação - Numeração progressiva das seções de um documento*, NBR 6023. Rio de Janeiro, 2000.
- _____, *Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação*, NBR 10520. Rio de Janeiro, 2002.
- BIANCHI, E. *Magnificat, Benedictus, Nunc dimittis*. Bose. Qiqajon, 1991
- CANCION, Domenico. In. Atti del Convegno Internazionale - *Prima lettura della Dives in Misericordia*. Santuário da Misericórdia. Collevalenza (Perugia – Itália). 1981. p. 56.
- CONCÍLIO VATICANO II: *Compêndio do Vaticano II - Constituições, Decretos, Declarações*, 26 ed., Petrópolis, Vozes, 1997.
- Dives e Misericordia*. Carta Encíclica. Do Sumo Pontífice João Paulo II Sobre a Misericórdia Divina, 1980.
- DEN BORN, A. Van. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Trad. Frei Frederico Vier, O.F.M. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 994.
- JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*; Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1986, p.40.
- LACOSTE J. Y. (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. Trad. Paulo Menezes ... [et al.], São Paulo: Loyola, 2004.
- LACOSTE J-Y., *Dicionário crítico de Teologia*, São Paulo: Paulinas, 2004.
- LÉON-DUFOUR, Xavier., *misericórdia. Vocabulário de Teologia Bíblica*. Trad. Frei Simão Voigt, O.F.M. São Paulo: Vozes, 1972.
- MAÇANEIRO, Marcial. *Misericórdia, Carisma e Missão*. In: Congresso Apostólico Mundial da Misericórdia. Disponível em: http://win.dehon.it/scj_dehon/cuore/articles/texts/artic_008_pt.doc. Acesso em: 01 abril 2014.
- Papa Bento XVI. *Jesus de Nazaré: primeira parte: do batismo no Jordão à transfiguração*. Tradução José Jacinto Ferreira de Farias. Editora Planeta do Brasil. São Paulo, 2007

Papa Francisco. *A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja*. Organização Giuliano Vigni; [tradução do prefácio Cristina Mariani]. 1ª. Ed. São Paulo: Paralela, 2014

Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento/ Trad. Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Ed.Academia Cristã Ltda; Paulus, 2007.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*; Tradução Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Rio de Janeiro:Vozes, 2010, p.173.

RAVASI G., *Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 1985.

Rosanna Virigili ...[et al.] *Misericórdia: face de Deus e da nova humanidade* ; Tradução Silva Debetto Cabral Reis. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 15.

SILVA, Vlamor da. *Deus ouve o clamor do povo: Teologia do Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 2004.

SHILLING, Otímar. “*Os salmos, louvor de Israel a Deus*”, introdução teológica e crítica aos problemas do antigo testamento. São Paulo. Paulinas, 1978.

Schokel, L. Alonso & Carniti, C. I Salmi. Roma, Borla, 1993.v. II.

ZENGER, E., *O livro dos Salmos. Cap. III*. In: AA.VV, Introdução ao Antigo Testamento. Loyola, São Paulo, 2003.